
"Contar com o corpo": do *epocalismo* à *escrevivência* de Conceição Evaristo¹

Táise Souza Barfknecht²
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Resumo

O presente estudo reflete acerca da oralidade, corporeidade e escrita que compõem a *escrevivência* de Conceição Evaristo. Introduzindo o conceito de *epocalismo* e suas implicações para a compreensão de um quadro geral da história, buscamos resgatar os micro processos e as subjetividades que constituem os diferentes tempos, podendo ser expressos, compreendidos e ressignificados através da contação de histórias.

Palavras-chave

Oralidade; Escrita; Epocalismo; Feminismo interseccional; *Escrevivência*.

Introdução

Diversas correntes de pensamento consideram que o surgimento da escrita transformou os fenômenos comunicacionais, atribuindo materialidade ao diálogo, às representações e mesmo às histórias que partilhamos ao longo das gerações. Existem inúmeras formas de encarar a mudança de paradigma representada pela escrita, entre as quais podemos destacar duas perspectivas opostas: a compreensão de um usuário isolado e a persistência do determinismo tecnológico. Enquanto a priorização do sujeito corresponde à lógica iluminista e individualista, o determinismo tecnológico pressupõe que as tecnologias definem as possibilidades e potencialidades humanas, e não o contrário.

Segundo o pensamento de Marshall McLuhan, “o meio é a mensagem” e realmente é inegável o impacto da materialidade sobre as formas de comunicação. O presente artigo não busca reconhecer uma abordagem e desqualificar a outra, mas sim compreender como ambas se conectam e ressignificam a todo momento. Ou seja, reconhecer como as interações entre indivíduos e materialidades ocorrem em um dado contexto cultural, ocasionando impactos subjetivos, históricos e sociais.

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Gêneros, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduada em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Especialista em Ciências Sociais pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS). E-mail: taise.souza@gmail.com

Neste sentido, convocamos o modo de escrita empreendido por Conceição Evaristo³ para o centro da análise, onde a oralidade, a palavra escrita e a expressão corporal se reúnem, para contar histórias e até mesmo elaborar estratégias de resistência. O termo *escrevivência*, cunhado pela autora, representa “o modo como as mulheres negras e periféricas se apoderam de uma ferramenta dominante – a escrita – para libertarem as vozes silenciadas pelo privilégio” (KETZER, 2019, p. 121). Ao introduzir a “oralidade na escrita”, Conceição mobiliza emoções, acontecimentos e mesmo demandas sociais que permeiam as diferentes vivências.

O presente estudo analisa como a oralidade, a corporeidade e a escrita ganham peso comunicacional através da *escrevivência*, refletindo sobre a subjetividade das mulheres na escrita de Conceição Evaristo, especialmente das mulheres negras. Para tanto, introduzimos a concepção *epocalista* da comunicação em tensionamento com a perspectiva das micro histórias, compreendendo como os diferentes sentidos humanos podem ler, dar sentido e mesmo transformar o mundo. Ademais e principalmente, a trajetória da escritora está no centro da análise, bem como recortes escritos e orais que expressam a sua visão de mundo e constituem a *escrevivência*.

1. *Epocalismo da oralidade à escrita*

Eu opto sempre pela maneira não erudita, que normalmente é a maneira que vivifica a linguagem oral.

Conceição Evaristo

Na visão denominada como *epocalismo* por Gonçalves e Saint Clair (2012), corremos o risco de totalizar o percurso da humanidade, desconsiderando experiências e narrativas que podem ser muito distintas – mesmo em um tempo cronológico partilhado. O *epocalismo* propõe um esquema robusto e homogêneo dos tempos históricos, compreendendo as eras a partir da sucessão de tecnologias disponíveis e das respectivas transformações individuais produzidas.

Um bom exemplo da concepção *epocalista* é o surgimento da escrita. Para Gonçalves e Saint Clair (2012), a escrita pode ser analisada de duas formas distintas: a primeira considera as diferentes experiências sensoriais mobilizadas durante a leitura,

³ Segundo Duarte e Nunes (2020), Conceição Evaristo é escritora, professora e doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense.

enquanto a segunda é focada nos aspectos visuais que envolvem esse processo – como é o caso de Marshall McLuhan. Para o autor, as culturas orais utilizam os sentidos de forma mais equilibrada nos processos comunicacionais, enquanto as culturas escritas privilegiam a visão em detrimento dos outros sentidos. McLuhan reflete que o advento do texto e a predominância da visão produziram a alienação das sociedades, que passariam a ser voltadas unicamente à racionalidade e ao individualismo.

De certo modo, podemos observar uma espécie de *epocalismo* no pensamento do próprio McLuhan (2005, p. 182 apud GONÇALVES e SAINT CLAIR, 2012, p. 99). Segundo o autor, a tecnologia do alfabeto e a configuração visual das palavras deram origem ao conhecimento mecanizado, científico e linear. Mesmo ao propor o retorno à oralidade com o advento de uma nova “aldeia global”, McLuhan tende a compartimentar diferentes tempos históricos, ignorando aspectos recorrentes e presentes em diferentes sociedades. Em outras palavras, o autor considera que a oralidade foi interrompida pela criação – e disseminação – da escrita. Ao mesmo tempo, propõe o retorno da oralidade em um espaço temporal definido.

[...] essa oralidade praticamente mítica “retorna” ao termo de um longo processo de esquecimento, numa aldeia que, se é global, nem por isso é menos aldeia, portanto tribal, com toda a carga de ancestralidade que o termo porta. O mais recente recupera o mais antigo, fechando o ciclo. Tem-se uma visão da história compartimentalizada, com três grandes compartimentos (Tribo, Galáxia de Gutenberg e Aldeia Global) se sucedendo no tempo. (GONÇALVES e SAINT CLAIR, 2012, p. 100).

A suposição de que as *mentes* são produzidas pela materialidade comunicacional também desenha os contornos da produção de conhecimento. Gonçalves e Saint Clair (2012) destacam que “[...] essa forma de pensar, que parte dos meios como produtores de tipos de mentes, tende a totalizar a integridade da história e das culturas humanas em um esquema de compreensão geral e global” (GONÇALVES e SAINT CLAIR, 2012, p. 100).

Têm-se assim tipos de mentes que remetem para tipos de tecnologia de comunicação utilizados. A tecnologia de comunicação oral favoreceria uma mente mais integrada, na exata medida em que mobilizaria a integralidade, ou pelo menos boa parte, dos sentidos humanos; a tecnologia de comunicação escrita produziria a mente ocidental racional, fragmentada, dividida, alienada, e a prensa radicalizou esse sentido de produção (GONÇALVES e SAINT CLAIR, 2012, p. 98).

Entretanto, voltando algumas páginas na história podemos observar a complexidade e racionalidade próprias de cada período. Havelock (1996) analisou como

a poesia épica grega representava uma tecnologia para armazenar informações, que eram perpetuadas através de histórias. Mesmo antes do surgimento do alfabeto, a sociedade grega encontrava formas de catalogar, transmitir e expressar conhecimentos a partir da oralidade.

Deste modo, não podemos conceber que a escrita seja a única forma para preservar a memória de uma sociedade. Ao transformarem saberes abstratos em histórias, os gregos estimulavam a memorização e valiam-se de diversos recursos da linguagem, como as rimas e os jogos de sentido. Para Havelock (1996), o advento do alfabeto grego demarcou a transição de uma cultura holista (oral) para uma cultura individualista (escrita e marcada pelo raciocínio). Mesmo assim, há controvérsias quanto a essa visão, pois a própria utilização da oralidade como “memória de uma sociedade” revela a presença de racionalidade desde muito antes da escrita.

Quando entendemos os meios de comunicação como reguladores do pensamento em uma determinada época, acabamos deixando os fatores subjetivos, culturais e sociais em segundo plano. Se de um lado imaginamos que estas inovações resolvem os diversos problemas que enfrentemos enquanto sociedade, de outro a experiência concreta revela questões presentes e mesmo recorrentes, apesar do advento de novas ferramentas e formulações. Mas também é importante refletir que, assim como as tecnologias de uma época podem transformar mentalidades, os próprios dispositivos resultam da inventividade humana, respondendo às demandas vigentes de um grupo ou sociedade.

Ao passo que pontuamos algumas limitações e questões suscitadas pelo *epocalismo*, também é importante reconhecer as suas contribuições para a compreensão das sociedades. A transformação das mentes e sua relação com materialidades de comunicação, por exemplo, podem ser explicadas pela maior disseminação do conhecimento e do acesso à informação, que em grande medida foram impulsionados por fenômenos como o da escrita. Nossa proposta aqui não é desacreditar a linha histórica comumente conhecida e aceita, mas sim acrescentar linhas paralelas, que se entrecruzam, tensionam e conectam, tornado a memória das sociedades mais completa e inclusiva.

2. Micro história(s) como processo(s)

Como proposta alternativa ao *epocalismo*, Gonçalves e Saint Clair (2012) propõem um modelo “pequeno, não totalizador, parcial e descritivo” da história. Resgatando a perspectiva da diferença empreendida por Gabriel Tarde (2003 apud

GONÇALVES e SAINT CLAIR, 2012), os autores não descartam a importância de um quadro geral e explicativo, mas partem do princípio de que o macro é decorrente de fatores micro. A ontologia tardeana destaca a impermanência do mundo, das sociedades e das tecnologias. Assim, as diferenças estão presentes mesmo nos esquemas fixos e homogêneos, se revelando e transformando constantemente. Reflexões dessa natureza impactam diretamente o pensamento *epocalista*, saindo de uma noção de momentos separados e diferentes entre si para o constante tensionamento e ressignificação, que estariam presentes em todas as épocas.

Essa visão não-total do processo histórico levaria a compreender as mudanças históricas não como ruptura e corte entre momentos qualitativamente diferentes, mas como rearranjos e reorganizações de elementos diversos presentes em um contexto qualquer, com a inclusão de alguns elementos novos, com a exclusão de alguns elementos antigos (GONÇALVES e SAINT CLAIR, 2012, p. 106).

Enquanto o *epocalismo* almeja padronizar o entendimento das tecnologias e sua intrínseca relação com a formação das mentes, a perspectiva da diferença “multiplica, pluraliza as rupturas ao estilhaçar o domínio da vida, restituindo a ela o movimento que lhe é peculiar” (GONÇALVES e SAINT CLAIR, 2012, p. 105). O plano de fundo da história permanecerá inacabado, pois as diferentes compreensões sobre os acontecimentos têm o potencial de transformá-lo. Neste sentido, formulamos novas possibilidades para compreender os fenômenos sociais, sejam eles coletivos ou individuais.

Assim, por exemplo, a escrita não levaria a uma nova mentalidade letrada, mas acrescentaria ao oral, em um arranjo diferente, um novo elemento, o que implica que grandes continuidades possam existir. (GONÇALVES e SAINT CLAIR, 2012, p. 106).

A noção de micro histórias, apresentada por Giovanni Levi (1992 apud GONÇALVES e SAINT CLAIR, 2012), corrobora com a lógica tardeana. Nas micro histórias, a subjetividade humana é considerada constitutiva das relações sociais, sem perder de vista as estruturas onde estão inseridas. Este olhar microscópico sobre os grupos e indivíduos remete à própria observação empírica e verificável, acionando formas de pesquisar e entender o mundo que não desconsiderem o particular em detrimento de esquemas generalizantes.

Somando à compreensão das particularidades presentes nas sociedades e na comunicação, Donald F. McKenzie (2002 apud GONÇALVES, 2015) analisa como a materialidade pode impactar a produção de sentido dos textos. A visão do autor também

é oposta ao *epocalismo*, defendendo o entrelaçamento das formas oral, escrita e impressa – sem a predominância de um formato sobre os outros. Neste sentido, de fato o surgimento de uma nova materialidade transforma a comunicação, porém não anula a importância dos instrumentos anteriores. Pelo contrário, podemos observar a coexistência e até mesmo intersecção de diferentes meios em nossa experiência prática – como é o caso da “oralidade na escrita”, tema analisado no presente estudo.

Segundo McKenzie (2002 apud GONÇALVES, 2015), a oralidade continuou presente mesmo após o surgimento da dita “cultura impressa”, quando o texto impresso deveria corresponder ao texto falado. O autor destaca o esforço dos escritores deste período para alcançar afinidade entre a fala e a escrita, limitando possíveis diferenças. Apesar das transformações sociais, culturais e subjetivas, um momento histórico não se diferencia totalmente do anterior, apresentando elementos recorrentes e concomitantes.

Em sua reflexão sobre as materialidades, McKenzie (2002 apud GONÇALVES, 2015) também nos convida a refletir sobre a *forma* da escrita e organização geral do texto para a experiência de leitura. Neste âmbito, podemos abarcar as linguagens – erudita ou popular – e o acesso às materialidades – como o livro. Se antes da prensa de Gutenberg a leitura era um privilégio de poucos, o fenômeno impresso teve potencial de massificar o acesso à informação. Mas é preciso ter cuidado para não retornar ao *epocalismo*, pois somente a análise de diferentes grupos, subjetividades e sua relação com os meios citados pode revelar as suas efetivas possibilidades e limitações.

Realmente a história do mundo pode parecer única, linear e compartimentada quando a concebemos a partir de um único ponto de vista. Por isso, é tão importante compreender visão de grupos historicamente vulneráveis, silenciados e invisibilizados. Criar espaços para que as mais diversas pessoas falem sobre si mesmas pode revelar novos olhares, nuances e problemas até então localizados no ponto cego da história tradicional.

3. Por um feminismo interseccional e descolonial

Quando transportamos a reflexão dos enfoques geral e particular para os potenciais universos de pesquisa, podemos compará-los às abordagens qualitativa e quantitativa. Para Alasuutari (2009), ao passo que o formato quantitativo desenha os contornos gerais de um determinado contexto, os “métodos qualitativos produzem diferentes lentes sobre a realidade social, lentes que tornam a sociedade e seus fenômenos

compreensíveis⁴” (ALASUUTARI, 2009, p. 9). O autor destaca que diversas áreas do conhecimento defenderam a responsabilidade social da ciência – como é o caso do marxismo, da escola crítica e dos estudos feministas. Neste sentido, os conhecimentos produzidos podem favorecer a emancipação de grupos marginalizados.

Se a ciência deve servir uma causa, o potencial qualitativo é justamente esse enfoque concedido ao particular, uma abordagem definida por Alasuutari (2009) como microprocessos. Visão complementar às micro histórias propostas por Levi (1992), os microprocessos geram uma ampla e diversa gama de formas para observação do social, o que revela formulações, conceitos e até mesmo mundos inteiramente novos. Mas como é possível reconhecer o particular em sociedades cada vez mais complexas? Para Alasuutari (1992), a resposta pode ser encontrada através dos próprios interlocutores, que devem integrar o centro das narrativas. O autor destaca o papel das identidades individuais e como estas se conectam aos diferentes segmentos sociais para, “por exemplo, tentar entender como e por que as posições de identidade e formas de subjetividade são potenciais agentes políticos e coletivos formados, se eles estão relacionados com sexo, raça, idade ou quaisquer outras categorias⁵” (ALASUUTARI, 2009, p. 12).

Ao iluminar o protagonismo das mulheres na escrita de Conceição Evaristo, o presente estudo se debruça especialmente sobre os estudos feministas e suas contribuições para a compreensão das diversidades, acionando o feminismo interseccional e decolonial.

O termo interseccionalidade foi cunhado por Kimberlé Crenshaw (2002), que analisou a discriminação racial relativa ao gênero. A autora e ativista percebeu que a combinação das opressões de raça, classe e gênero se sobrepõem e entrecruzam, gerando consequências tangíveis na experiência das mulheres. O feminismo interseccional representou um grande marco para pensar as diversidades inerentes ao próprio movimento feminista, passando a assumir que diferentes mulheres apresentam vivências, problemas e opressões muito distintas – que estão situadas em estruturas de preconceito.

Para Crenshaw (2002), a interseccionalidade de diferentes opressões resulta em processos de desempoderamento sistemático das mulheres, em que "o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam

⁴ Texto original em inglês: "Qualitative methods produce different lenses on social reality, lenses that make society and its phenomena understandable (ALASUUTARI, 2009, p. 9).

⁵ Texto original em inglês: "Much of present-day qualitative research deals with identity politics, for instance trying to understand how and why identity positions and forms of subjectivity as potential collective political agents are formed, whether they are related to gender, race, age, or any other categories" (ALASUUTARI, 2009, p. 12).

desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras" (CRENSHAW, 2002, p. 117). Neste contexto, podemos refletir sobre o potencial emancipatório do feminismo, ao reconhecer tais problemas estruturais e agir sobre eles, o que só é possível reconhecendo o universo de particularidades que compõem o grupo de “mulheres”.

De toda forma, novamente podemos observar uma tendência ao *epocalismo* quando segmentamos os diferentes momentos do feminismo. É fundamental pontuar que as demandas interseccionais sempre existiram, mas nomeá-las e compreendê-las representou um importante passo para agir sobre elas. Quando assumimos que ainda não temos todas as respostas, mantemos um campo de possibilidades em aberto para conceber os problemas que ainda não foram percebidos.

O feminismo descolonial contribui com esse processo de retorno. Mesmo quando identificamos os problemas históricos que conformam a cultura brasileira, sempre é possível revelar novas nuances, olhares e impactos. Por isso a dimensão humana é tão importante, ofertando a possibilidade de olhar de diferentes lugares e de diversas formas. Neste sentido, Lugones (2014) reflete como os processos de colonização envolveram também a “desumanização” dos grupos sociais colonizados. A visão dos colonizadores como humanos e dos colonizados como selvagens justificou inúmeras crueldades – como a subjugação, exploração e escravização de diferentes povos. A chamada “missão civilizatória” encobriu o acesso brutal aos corpos das pessoas, mas também o apagamento sistemático da sua cultura e valores.

Lugones (2014) reflete que a desumanização empreendida pela colonialidade tem impacto significativo sobre as mulheres, ao passo que também produz um lócus fraturado de atuação para o feminismo – dentre outros movimentos sociais. Para a autora, reconhecer os elementos de opressão que resultam da colonialidade não deve ser a finalidade emancipatória, mas sim um requisito que principia as práticas de resistência. Assim, inserimos um novo elemento relativo às opressões de gênero que transforma as próprias demandas interseccionais, em uma proposta de *descolonizar o feminismo*.

[...] a tarefa da feminista descolonial inicia-se com ela vendo a diferença colonial e enfaticamente resistindo ao seu próprio hábito epistemológico de apagá-la. Ao vê-la, ela vê o mundo renovado e então exige de si mesma largar seu encantamento com “mulher”, o universal, para começar a aprender sobre as outras que resistem à diferença colonial (LUGONES, 2014, p. 948).

Quando situamos o Brasil como um país pós-colonial, podemos identificar os elementos apresentados por Lugones (2014) em nossa própria cultura. E quando transportamos essa concepção para o fenômeno da escrita, torna-se impossível homogeneizá-lo. No poema “Vozes-Mulheres” de Conceição Evaristo, podemos identificar os elementos históricos, sociais e culturais que permeiam os olhares das mulheres negras. Conceição realiza um resgate intergeracional para nos mostrar que, apesar dos avanços, ainda existem demandas para alcançar e aspectos para descolonizar.

O poema também vai de encontro com a noção de Lugones (2014) sobre as subjetividades, que seriam fundamentais no processo de humanização das pessoas colonizadas. A autora destaca que a multiplicidade de atores, do lócus fraturado e das formas de resistência precisam ser reconhecidas, inclusive para a formação de coalizões. Ou seja, os fenômenos estruturais de desempoderamento atuam individualmente sobre as diferentes mulheres, que circulam por diversos grupos sociais.

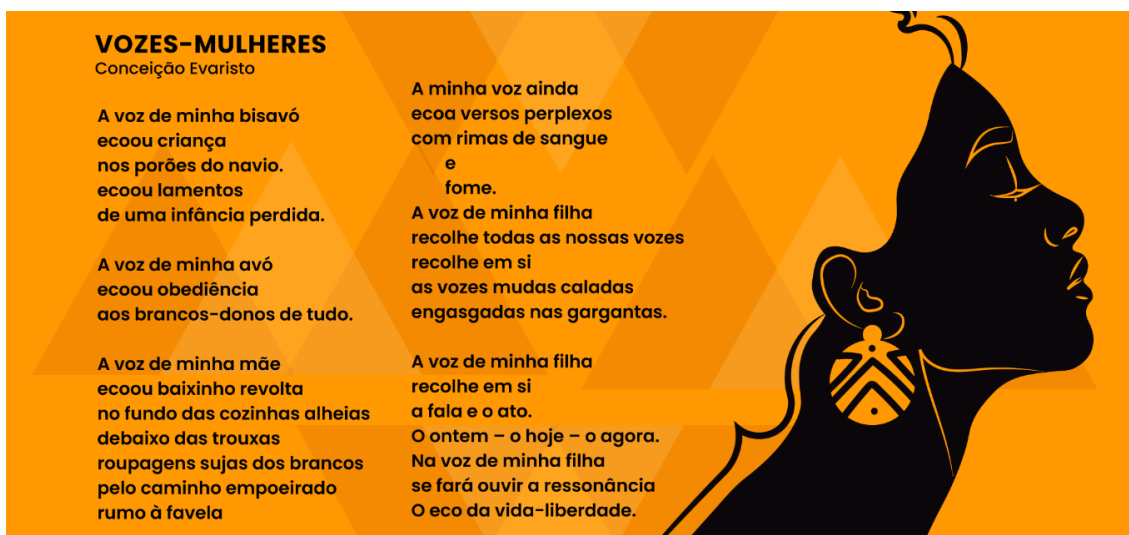


Imagem 1 – Poema Vozes-Mulheres

Conceição Evaristo promove a apropriação e mobilização destes elementos por meio das suas histórias, dotadas de fatores individuais, culturais e sociais. A linearidade das “Vozes-Mulheres” pode remeter ao *epocalismo* e, ao mesmo tempo, representar um convite à ciclicidade – quando não consideramos que o passado está encerrado, mas sim procuramos entender as suas marcas e impactos no presente. Contudo, como é possível lidar com o tema sensível das múltiplas opressões? De que forma as subjetividades das mulheres estão impressas nas histórias? Acreditamos que a *escrivência* de Conceição Evaristo apresenta pistas para responder estas questões, demonstrando como a memória, a oralidade e a corporeidade atuam na expressão e significação de diferentes vivências.

4. *Escrevivência: oralidade, escrita e corporeidade*

A nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos.

Conceição Evaristo

Para Maria Conceição Evaristo de Brito, a escrita não está dissociada da vivência. Mas ao contrário do que podemos imaginar, os livros eram recursos inacessíveis durante a sua formação, revelando os impactos da desigualdade social em nosso país. Quando McKenzie (2002) discorre acerca da importância da materialidade do livro, podemos realizar o movimento oposto e perceber como a sua ausência dessas materialidades também influencia as subjetividades, pertencimentos e a busca por conhecimentos.

De acordo com Ketzer (2019), o amor pela leitura acompanha Conceição Evaristo desde a infância, quando trocava horas de trabalho para professores por aulas particulares e acesso a livros. Ainda assim, os aspectos mais marcantes da sua formação individual remetem à oralidade histórica, familiar e intergeracional – que também representam uma outra forma de “ler” o mundo. Para Conceição, a oralidade caracteriza uma das formas como os grupos historicamente marginalizados comunicam as suas vivências e emoções.

4.1 *Contar com o corpo: narrativas de liberdade*

A obra “Escrevivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo”, organizada por Constância Lima Duarte e Isabella Rosado Nunes (2020), reúne algumas reflexões da própria autora acerca da sua trajetória, escritos e legados. Através da sua *escrevivência*, Conceição Evaristo convoca a oralidade como parte da escrita, transmitindo não só histórias, mas também culturas, subjetividades, vozes e silenciamentos.

A escrita nasceu para mim como procura de entendimento da vida. Eu não tinha nenhum domínio sobre o mundo, muito menos sobre o mundo material. Por não ter nada, a escrita me surge como necessidade de ter alguma coisa, algum bem. E surge da minha experiência pessoal. Surge na investigação do entorno, sem ter resposta alguma. Da investigação de vidas muito próximas à minha. Escrevivência nunca foi uma mera ação contemplativa, mas um profundo incômodo com o estado das coisas. É uma escrita que tem, sim, a observação e a absorção da vida, da existência (DUARTE e NUNES, 2020, p. 34).

Considerando a dimensão corporal ao contar e vivenciar histórias, para Conceição o texto exerce uma traição sobre o corpo, pois não dá conta de expressar toda a simbologia presentes nos gestos, entonações e contextos. Assim, a escrita que remete à oralidade

promove um resgate dos aspectos corporais – tanto da experiência gestual quanto de leitura. Em entrevista para o Itaú Social, a autora discorre sobre a íntima relação entre a oralidade e seu processo criativo.

Por mais que você queira, a escrita não traduz o seu corpo. A escrita é silenciosa, ela é sozinha, ela requer que o outro sujeito saiba ler para perceber essa escrita. Já um texto oral, não. O olhar, o gesto, a palavra suspensa no ar. [...] Observar e lidar com essa performance do corpo foi muito importante no sentido de buscar essa palavra desesperadamente, para traduzir essa performance, ou até para traír essa performance, na medida que a palavra não dá conta (Conceição Evaristo em entrevista para o Itaú Social, 2021).

Conceição Evaristo se posiciona em sua escrita, convocando a própria trajetória e subjetividade para compor os elementos criativos e literários em suas histórias. Para a autora, a escolha semântica uma é peça chave na construção do texto, atribuindo sentidos e expressando a intenção de quem escreve. A busca das palavras é mais que uma forma e traduzir o corpo e a oralidade: ela determina a própria experiência da leitura, o seu potencial para despertar emoções, memórias e mesmo transformações.

Segundo a obra de Duarte e Nunes (2020), Conceição utiliza os aspectos orais para transmitir não só a identidade dos personagens, mas também a sua própria história. A autora privilegia a linguagem falada pelo povo, que não costumava ocupar as páginas dos livros.

A procura por uma estética que se confunda com a oralidade faz parte de meu projeto literário, que é profundamente marcado pela minha subjetividade forjada ao longo da vida. Quero criar uma literatura a partir de minhas próprias experiências com a linguagem, nucleada pela oralidade, a partir da dinâmica de linguagem do povo. E, em momento algum, esqueço que estou trabalhando com a arte da palavra. Não desprezo o dicionário, busco também termos pouco usais, gosto muito das formas que os nossos ouvidos consideram como erros, mas que estão dicionarizadas como formas arcaicas da língua ou como formas populares de pronúncia (DUARTE e NUNES, 2020, p. 42).

4.2 Epocalismo, micro histórias e escrevivência

O conceito de *escrevivência* dialoga com a visão microscópica e parcial da história, conforme a visão de Levi (1992) exposta por Gonçalves e Saint Clair (2012). Desta forma, mobiliza saberes próprios da realidade concreta, que podem ser verificados ao dialogar com mulheres distintas, que possuem características muito diferentes entre si. Ao contrário da visão *epocalista*, mais totalizadora e filosófica, a perspectiva microscópica abre caminhos para o empirismo.

Neste sentido, a *escrevivência* proporciona uma oportunidade de situar a visão microscópica em um determinado contexto, relacionada aos diferentes problemas presentes em nossa sociedade. Através das histórias e da escrita, os mesmos corpos que foram violados e invisibilizados podem se manifestar, reivindicando espaços e direitos. “Contar com o corpo” para Conceição Evaristo ultrapassa honrar os sentidos, também é um modo de posicionar-se, de existir no mundo e iluminar narrativas por muito tempo silenciadas. A autora destaca a potência nas vozes das mulheres negras, que outrora foi dominada pelas figuras colonizadoras. Hoje detentoras de suas próprias vozes, a escrita vem a somar e a potencializar as suas vivências.

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais (DUARTE e NUNES, 2020, p. 30).

Ao denunciar as desigualdades e opressões sofridas pelas mulheres negras ao longo da história brasileira, Conceição responde à necessidade de descolonizar o gênero e o próprio feminismo pontuada por Lugones (2014). Mais do que reconhecer uma trajetória de preconceitos, desafios e conquistas, a *escrevivência* convida as mulheres negras a assumirem uma postura ativa e coletiva sobre as suas experiências. E contar as suas histórias faz parte desse processo, seja através da palavra falada ou escrita. Em seu projeto de escrita, Conceição convida as mulheres negras para serem “musas da sua própria história”, o que se concretiza no compartilhamento das suas próprias vidas (Conceição Evaristo em entrevista para o Itaú Social, 2021).

A multiplicação das vozes exerce um papel fundamental tanto para a autopercepção individual quanto para resoluções e mobilizações coletivas. Assim, talvez o grande potencial da *escrevivência* esteja na conexão e tensionamento entre diferentes experiências, que podem representar um primeiro passo para combater estruturas de desigualdade e preconceito. Além do mais, *escrever* não corresponde a relatos individualizados, mas sim entendimentos, culturas e mesmo opressões que atravessam as coletividades.

[...] a *escrevivência* extrapola os campos de uma escrita que gira em torno de um sujeito individualizado. Creio mesmo que o lugar nascedouro da *escrevivência* já demande outra leitura. *Escrevivência* surge de uma prática literária cuja autoria é

negra, feminina e pobre. Em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade (DUARTE e NUNES, 2020, p. 38).

Conforme analisamos anteriormente, Havelock (1996) discorre sobre a importância da oralidade e das histórias na cultura grega. Conceição Evaristo, por sua vez, nos convida a reconhecer estes mesmos aspectos na tradição africana. A autora reflete sobre os saberes ancestrais que são transmitidos e mesmo transmutados ao longo das gerações, em oposição com o mito grego de Narciso. Para Conceição, enquanto o espelho de Narciso reflete apenas a sua própria imagem, os abebés⁶ de Oxum e Iemanjá desfazem os apagamentos que resultaram da colonização, favorecendo o fortalecimento individual e coletivo das pessoas – e das mulheres – negras.

O nosso espelho é o de Oxum e de Iemanjá. [...] No abebé de Oxum, nos descobrimos belas, e contemplamos a nossa própria potência. Encontramos o nosso rosto individual, a nossa subjetividade que as culturas colonizadoras tentaram mutilar, mas ainda conseguimos tocar o nosso próprio rosto. E quando recuperamos a nossa individualidade pelo abebé de Oxum, outro nos é oferecido, o de Iemanjá, para que possamos ver as outras imagens para além de nosso rosto individual. Certeza ganhamos que não somos pessoas sozinhas. Vimos rostos próximos e distantes que são os nossos. O abebé de Iemanjá nos revela a nossa potência coletiva, nos conscientiza de que somos capazes de escrever a nossa história de muitas vozes. E que a nossa imagem, o nosso corpo, é potência para acolhimento de nossos outros corpos (DUARTE e NUNES, 2020, p. 38-39).

Assim como os abebés de Oxum e Iemanjá, a *escrevivência* é ao mesmo tempo individual e coletiva. Enquanto expressa a sua subjetividade, “a autora inscreve um pertencimento, uma propriedade intelectual e interseccional, negra, feminina e oriunda das classes populares (DUARTE e NUNES, 2020, p. 172-173). Deste modo, podemos observar um resgate e materialização tanto da interseccionalidade quanto da descolonialidade no feminismo. Conceição consegue traduzir uma carga e legado históricos na forma de histórias que tocam, conectam e transformam visões de mundo. Mas também vai muito além: a sua *escrevivência* é como uma jornada a ser trilhada das mais variadas formas, um universo de possibilidades para produzir memória e mesmo existir (ou resistir) na história. De toda forma, a sua *escrevivência* não atua em um sentido de dominação, mas tem como missão resgatar o potencial agregador das histórias.

[...] nunca pensaria a *Escrevivência* como possibilidade de domínio do mundo. Mas como uma pulsação antiga, que corre em mim por perceber um mundo esfacelado, desde antes, desde sempre. E o que seria escrever nesse mundo? O

⁶ Os abebés são leques em forma circular, que podem trazer um espelho no centro e normalmente apresentam desenhos simbólicos. O abebé usado por Oxum é feito em latão ou dourado e composto por desenhos de corações. O abebé usado por Iemanjá é prateado e leva o símbolo de peixes (Educalingo, 2021. Acesso em: 15/07/2021).

que escrever, como escrever, para que e para quem escrever? Escrevivência, antes de qualquer domínio, é interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me autoinscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha (DUARTE e NUNES, 2020, p. 35).

Entendemos que a *escrevivência* é oposta ao *epocalismo* justamente por apontar para múltiplos lugares. Enquanto campo de possibilidades, a oralidade e corporeidade empreendidas por Conceição Evaristo instigam a buscar perspectivas distintas sobre os acontecimentos, reconhecendo problemas estruturais ainda muito presentes em nossa sociedade – como as desigualdades de raça, classe e gênero. Ao invés de olharmos para o mundo a partir de uma concepção única e linear, temos a oportunidade de compor a(s) história(s) por meio dos seus micro processos, que podem permanecer inacabados ou em constante construção. Podemos, inclusive, elaborar soluções coletivas de reparação do lócus fraturado pontuador por Lugones (2014).

5. Contar histórias como estratégia de resistência

O presente ensaio buscou relacionar a perspectiva *epocalista* da comunicação, demarcada por etapas sucessivas e bem definidas, à *escrevivência* de Conceição Evaristo, que reúne a escrita, a oralidade e as expressões corporais como formas para ler o mundo. Sem desconsiderar a existência e o impacto de um quadro geral, a *escrevivência* aponta para a importância do particular, mapeando e identificando os diferentes seres humanos, que percorrem e compartilham suas trajetórias a partir das histórias.

Na *escrevivência* de Conceição, as pessoas negras têm protagonismo, imprimindo a experiência pessoal da autora e as desigualdades estruturais presentes no Brasil. Neste sentido, outras autoras podem ser acionadas para um maior aprofundamento teórico sobre a interseccionalidade das múltiplas opressões que impactam a vida das mulheres negras, como as estudiosas Lélia Gonzáles e Grada Kilomba.

A análise demonstrou que a *escrevivência* contempla a oralidade na escrita, a corporeidade como expressão e as coletividades acionadas (ou constituídas por meio das histórias). A conexão gerada pela *escrevivência* resulta das próprias reações humanas de identificação, surpresa ou mesmo transformação de uma visão de mundo. Desnudar os problemas estruturais presentes em nosso país e vivificá-los com personagens aproxima a leitura do âmbito tangível, que é onde mobilizações importantes costumam acontecer.

Com a amplificação de vozes e vivências, é possível imaginar o próprio alargamento da compreensão de mundo. Sendo assim, tanto a imagem de uma linha única quanto das linhas paralelas da história não contemplam mais. Pelo contrário, podemos pensar em um mosaico ou caleidoscópio, uma rede de encontros e desencontros, embates e reformulações. Com os olhos (e ouvidos) atentos para um refazer constante da história, priorizamos as narrativas e aprendemos com grupos historicamente marginalizados. Dentre o campo de possibilidades que esse movimento propicia, está a elaboração de estratégias de resistência mais assertivas, dialogando com o contexto apresentado.

Referências bibliográficas

ALASUUTARI, Pertti. **The rise and relevance of qualitative research**. International Journal of Social Research Methodology 2009, 1–17.

CONCEIÇÃO EVARISTO – “A escrevivência serve também para as pessoas pensarem”. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>. Acesso em: 06/07/2021.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Estudos Feministas, ano 10, 2002.

DUARTE, Constância Lima. NUNES, Isabella Rosado (org). **Escrevivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

GONÇALVES, Márcio Souza. SAINT CLAIR, Ericson Telles. **Meios de Comunicação e Mentes**. A Cientificidade da Comunicação: Epistemologias, Teorias e Políticas. Vol.19, Nº 02, 2º semestre 2012.

GONÇALVES, Márcio Souza. **Possíveis contribuições de D. F. McKenzie para a pesquisa em História da Comunicação no Brasil**. Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM) - v.4, n.2, jul./2015 - dez./2015.

HAVELOCK, Eric A. **La musa aprende a escribir: Reflexiones sobre oralidad y escritura desde la Antigüedad hasta el presente**. Paidós: Barcelona, 1996.

KETZER, Patricia (coord). BORTOLINI, Bruna de Oliveira. ZATTI, Amanda. WENTZ, Andressa (org). **Mulheres na história e seus legados: ecos de vozes emudecidas**. Passo Fundo: Sapo Morra, 2019.

LUGONES, María. **Rumo a um feminismo descolonial**. Estudos Feministas, Florianópolis, 22 (3): 320, p. 935 – 952, setembro-dezembro, 2014.

Significado de abebé. Disponível em: <https://educalingo.com/pt/dic-pt/abebé>. Acesso em: 15/07/2021.